
Editais públicos e contratações privadas: possibilidades encontradas para financiar a comunicação das periferias em São Paulo¹

Mariana de Sousa CAIRES²

Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, SP.

RESUMO

A reunião de jornalistas com o compromisso de comunicar para e a partir das periferias de São Paulo tem possibilitado novos arranjos jornalísticos, com variados processos e produtos. Entre os meios encontrados para fazer essas ideias serem concebidas e realizadas, têm destaque a atividade voluntária, a inscrição de projetos em editais públicos e parcerias com instituições que fomentam projetos sociais. Este artigo se insere em uma pesquisa empírica que registra a atuação de jovens comunicadores e analisa qual foi o campo de possibilidades que levou à criação e execução desses projetos da forma como são feitos. O recorte escolhido neste texto é a apresentação do “modo de fazer” encontrado por alguns grupos, relacionando ao contexto político, histórico e social, com críticas de autores da sociologia do trabalho no novo capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo de Quebrada; carreira correria; empreendedorismo; editais; projetos

TEXTO DO TRABALHO

Nesse artigo, me proponho a compartilhar percepções que tenho elaborado na pesquisa de mestrado que registra a atuação de jovens comunicadores periféricos e traz reflexões acerca do campo de possibilidades que levou à criação e execução desses projetos das maneiras como são feitos. A partir da observação participante e de interações presenciais e online, mantenho o diálogo com estes que anos atrás foram meus companheiros de trabalho³.

O recorte escolhido neste texto é a apresentação do “modo de fazer” encontrado por alguns grupos e análise do contexto de flexibilização da rotina, realização de

¹Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC, mariana.caires@aluno.ufabc.edu.br

³O fato de ter trabalhado na Periferia em Movimento e colaborado na realização da Virada Comunicação junto a colegas Rede Jornalistas das Periferias me traz experiências anteriores ao início da pesquisa que justificaram a escolha pelo tema. Também, reforça o compromisso que tenho em trazer a pauta para a academia e propor reflexões que possam ser elaboradas no campo e contribuam com o fortalecimento da comunicação periférica.

projetos a curto prazo e a participação em redes, críticas que são frequentes de pesquisadores do mundo de trabalho no novo capitalismo (ROSE, 2011; SENNET, 2004; BOLTANSKI E CHIAPELLO, 2009).

Apresento como foi que esses formatos se tornaram alternativas viáveis para alguns grupos de jornalistas financiarem suas atividades. Com a observação do contexto político, histórico e social, apresento como se deu a relação com políticas públicas de fomento (principalmente no setor cultural) e instituições que fomentam projetos sociais. Esse trabalho circula nos campos da sociologia do trabalho, dos estudos sobre políticas públicas e teorias da comunicação, em especial sobre o trabalho de jornalistas.

Em minha lente metodológica, com a preocupação em interrogar quais meus pressupostos, a exemplo de Bourdieu⁴ (2001) passei a desnaturalizar palavras-chave que são muito frequentes neste meio, assim como aplicado por Scoz (2018) em sua análise sobre trabalhadores de startups. Entre elas: empreendedorismo, precariedade, transformação, impacto social, potência, economia criativa e empoderamento. Observo que cada palavra-chave faz parte de uma agenda local, nacional ou internacional trazida por pessoas que desempenham trocas e relações de poder em redes da sociedade e do Estado. Também faz parte da minha metodologia de pesquisa me distanciar de binariedades, compreendendo que a crítica não condenará conceitos como essencialmente positivos ou negativos, mas analisará as diversas complexidades envolvidas.

O artigo está estruturado da seguinte forma: reúno referências sobre a discussão acerca do financiamento da comunicação periférica; então, discorro sobre a situação de ocupar um “não lugar” nos editais públicos de fomento; em seguida, percepções acerca da experiência de contratos firmados com apoio de fundações; e nas considerações finais, aponto observações sobre a rotina de comunicadores que trabalham por projetos, mas têm planejamentos a longo prazo e retorno ao dilema da remuneração, com reflexões que poderiam ser aplicadas ao contexto geral dos trabalhadores da comunicação.

Mapa da Comunicação Periférica e o dilema do financiamento das atividades

⁴ Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas. (Bourdieu, Pierre. 2001. p. 694)

Mais de 97 iniciativas de comunicação atuam nas periferias de São Paulo, de acordo com o *Mapa do jornalismo periférico: passado, presente e futuro*⁵, produzido pelo Fórum Comunicação e Territórios em 2019. Entre os fatores que justificam esse aumento de iniciativas que produzem conteúdo a partir das vivências periféricas e para moradores das periferias estão contextos políticos e sociais. A revolução digital, com novas possibilidades de expressão da juventude (MATTOS, 2013) (PERUZZO, 2007) é uma delas. E de acordo com o mapa apresentado, a ampliação do acesso a dispositivos tecnológicos que permitem a criação de sites e notícias que podem circular no mundo todo foi um adendo ao imaginário já existente de que a comunicação é capaz de transformar a sociedade: “A democratização da internet potencializou a produção de comunicação, mas mesmo antes de ela ser acessível como é hoje, já era entendida como estratégica para processos de transformação social nos territórios”(INFO TERRITÓRIO. 2019, p.10).

Outro fator apontado na pesquisa para a grande quantidade de “fazedores de comunicação” nas periferias é o aumento do acesso à universidade por meio de cotas e bolsas como o ProUni (Programa Universidade para Todos)⁶ e a percepção destes moradores de periferias enquanto “sujeitos periféricos”⁷ (D’ANDRÉA, 2013).

O acesso à universidade produz tensionamentos de duas ordens dentro do universo pesquisado. Ela parece ser insuficiente para superar os estigmas do mercado de trabalho e também é um momento em que a realidade se torna consciente. As representações na mídia passam a ser alvo de críticas e os aprendizados passam a trabalhar para transformar a realidade. As iniciativas pesquisadas são ao mesmo tempo uma afirmação de potência e uma confissão que o mercado não está interessado na mudança que esses novos comunicadores trazem. É preciso salientar, no entanto, que nem todas as iniciativas almejam que a iniciativa seja seu principal trabalho. (Info Território, 2019. p.14)

Nesse cenário plural, estudantes de comunicação, para seguir o sonho de trabalhar fora da estrutura da mídia corporativa, se propuseram a criar suas mídias. Essas se configuraram em formatos diversos, com linhas editoriais que utilizam estratégias para, em suma, contribuir com o compartilhamento de notícias que pautam

⁵ O relatório da pesquisa produzida pelo Fórum Comunicação e Território, também chamado “ Info Território”, que surgiu a partir da Rede Jornalistas das Periferias, está disponível para download no site <https://www.comunicacaoeterritorios.org/>. Acesso em junho de 2020

⁶ Programa do Governo Federal instituído em 2005 (Lei Federal nº11.096/janeiro de 2015).

⁷ “Sujeito periférico é quem tomou posse de sua condição periférica. Quem descobriu e assumiu essa condição. Quem transmutou-se de ser passivo a ser ativo dessa condição. De periférico em si para periférico em si (...) para ser definido como tal, é necessário possuir três características: 1. Assume sua condição de periférico (de periférico em si a periférico para si); 2. Tem orgulho de sua condição de periférico (do estigma ao orgulho); 3. Age politicamente a partir dessa condição (da passividade à ação)” (D’ANDRÉA, Tiaraju. 2013. p.173-174)

as diversidades das periferias e lutas por direitos, a desigualdade racial, reparações históricas e igualdades. Esses “arranjos”⁸ contam com características da mídia radical (DOWNING, 2001), popular (MARTÍN-BARBERO, 2004), alternativa (KUCINSKI, 1991), emancipatório (OLIVEIRA, 2017) e tantas outras, que confluem para o que SOUZA (2015) apresentou como Jornalismo de Quebrada. Este tem como objetivos principais:

Democratização da comunicação sobre as quebradas paulistanas; compartilhamento de conteúdo de midialivistas independentes; caráter contra-hegemônico; caráter participativo-cidadão; emancipação de quebradas; disputa de imaginários; incorporação de gírias; preocupação com a informação e formação do leitor; militância pela garantia dos direitos fundamentais; adaptação do conceito de periferia; e especificidade geográfico-espacial. (SOUZA, 2015, p.154)

Esse conceito foi discutido pela autora no lançamento⁹ do Mapa do Jornalismo Periférico, a convite do Fórum Comunicação e Territórios. Para além de enquadrar-se em conceitos, o principal objetivo da realização do mapeamento era “traçar um perfil e construir espaços de troca e fortalecimento”. E isso foi realizado por meio de uma metodologia de dentro para dentro, destacada no rodapé do site na frase “nada sobre nós sem nós”. Para a realização do projeto, contaram com o auxílio financeiro de uma fundação internacional: a Fundação Rosa Luxemburgo. O principal dilema partilhado pelos entrevistados no mapeamento remete à questão do financiamento:

“Permanecer na ativa e produzindo é um grande desafio. Para quem quer que sua produção de conteúdo seja um trabalho, falta tempo para se dedicar por motivo de baixa remuneração. Analisando o todo, fica evidente que a maioria das iniciativas não recebe o suficiente em cada atividade desenvolvida, seja ela autoral ou na forma de prestação de serviço, tendo que realizar mais de uma simultaneamente ou com intervalos curtos entre elas, para garantir um fluxo financeiro que feche as contas ao final do mês. O consumo do tempo, portanto, está sim relacionado com as baixas remunerações na maioria das vezes.” (Info Território, 2019, p. 26).

O dilema do financiamento também tem sido analisado nas pesquisas do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP. Entre 2016 e 2018, o grupo observou as relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia (FIGARO et al, 2018). Nessa pesquisa, no capítulo específico sobre o jornalismo como voz da periferia (p.167-184), notam que:

⁸ O termo é utilizado nos estudos do Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho, da USP, cujas pesquisas citarei a seguir.

⁹ O vídeo do lançamento do mapa do Jornalismo Periférico foi transmitido ao vivo no facebook e está disponível em: <https://www.facebook.com/PeriferiaemMovimento/videos/354388645470648>

assumir a identidade da periferia e distanciar-se do mercado tradicional do jornalismo implica lançar-se a uma rotina intensificada de trabalho, na qual a iniciativa se torna uma das atividades, muitas vezes secundária e sem garantir a sobrevivência material dos que nela trabalham. É necessário buscar uma inserção no mercado da comunicação, seguindo os ditames da lógica do empreendedorismo social (idem, p.177)

Recentemente, pesquisadores do CPCT lançaram o dossiê “como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?”, que identificou que os comunicadores que se dedicam à mídia alternativa/ independente/ comunitária/sindical, declaram majoritariamente que tiveram seu ritmo de trabalho intensificado (FIGARO et al, 2020. p. 45). Em minha pesquisa, nas entrevistas com Aline Rodrigues, da produtora Periferia em Movimento, foi confirmada a necessidade de intensificação do trabalho durante a pandemia. Além disso, a urgência do cenário fez com que todo o planejamento do grupo tivesse que ser revisitado “alguns projetos caíram, outros entraram”, me contou Aline.

Durante a pandemia, também, pude observar discussões que pautaram o financiamento da comunicação periférica. Cito entre eles o lançamento do livro “Jornalismo das Periferias - O diálogo social solidário nas bordas urbanas, de Mara Rovida”¹⁰; a mesa “Cultura na periferia: questões pré-pandemia e o debate atual com quem pesquisa e atua na cena”¹¹ que fez parte de um ciclo de debates do Centro de Estudos Periféricos; a mesa “Periferia, Territórios e Direito à Cidade: como fazer política além do centro” do evento Virada Política; e a Plenária sobre Comunicação Periférica promovida por uma candidatura coletiva para a vereança nas eleições de 2020¹².

Essa última reuniu comunicadores dos extremos da cidade para pautar a cobrança por políticas públicas para a comunicação periférica. Não coincidentemente, contaram que o debate sobre a construção popular de políticas para a comunicação tem sido elaborado pelo Fórum Comunicação e Territórios¹³ desde 2019, mas foi pausado diante da emergência da pandemia. Os integrantes da rede precisaram reorganizar suas

¹⁰Além de Mara Rovida, jornalista autora do livro, participaram da conversa: Thiago Borges, jornalista da Periferia em Movimento; Gilberto da Silva, cientista social criador da página que promoveu a *live*; e os pesquisadores da comunicação Cremilda Medina, Ethel Pereira e Vanderlei de Castro. Disponível em: <https://www.facebook.com/vitrinedogiba/videos/738307820268219/>

¹¹Debatedorxs: Renato Almeida (pesquisador do cep), Marcello de Jesus (pesquisador do cep), Elaine Mineiro (ativista e educadora) e Kátia Alves (ativista e educadora). Disponível em: <https://youtu.be/6jnuqe1dfba>

¹² Plenária online convocada pela candidatura coletiva Quilombo Periférico. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=387029302296987>

¹³ Frente de pesquisa que surgiu da Rede Jornalistas das Periferias em 2019 e foi responsável pela elaboração do Mapa do Jornalismo Periférico.

rotinas de trabalho e também familiares. Em algumas oportunidades de financiamento lançadas no contexto de pandemia, tiveram resultados positivos, como por exemplo o boletim #Corona nasPeriferiasSP¹⁴.

Em meio a tantas demandas e compromissos que juntos formam os salários do mês, ter que interromper algo planejado para dar conta de uma emergência faz parte, e isso vem de muito antes da pandemia. Estes sujeitos são então conscientes da sua precarização e atuantes para alterar essa condição (BOURDIEU, 1998). A condição de precariedade é observada e denunciada pelos próprios sujeitos da pesquisa, como notado na última página do Mapa do Jornalismo Periférico.

São Paulo não tem um deserto de produção midiática. Há centenas de pessoas trabalhando para ampliar o direito à comunicação em diversas linguagens, incluindo o jornalismo. Elas veem a informação como estratégica, mas precisam superar diversos desafios para produzir e distribuir seu conteúdo (Fórum de Comunicação e Territórios, 2019, p.33).

A colaboração é uma das maneiras encontradas para resistir com seus ideais, como mostra a fala de José Soró registrada na reportagem¹⁵ que o homenageou após seu falecimento: “A única alternativa é se agrupar, criar mecanismos de sobrevivência e resistência, vivos, tanto quanto nosso ideário”. Soró criou o termo “sevirologia” para representar esse modo de fazer, essa “arte de se virar”. O termo é lembrado como palavra de ordem, com grande identificação por parte de quem fala, em praticamente todas as lives que foram citadas acima, tanto por trabalhadores da cultura quanto da comunicação.

As similaridades entre o modo de trabalhar do setor cultural e da comunicação periféricas trazem questões a serem analisadas. Por esse motivo, em minhas pesquisas tenho dialogado com análises a respeito dos trabalhadores da cultura periférica. No esforço de analisar os percursos de jovens produtores culturais de periferias brasileiras e compreender transformações que têm acontecido no mundo do trabalho, TOMMASI e MORENO (2020) têm utilizado o termo “carreira correria”: “como uma provocação à ideia de que as novas formas de trabalho substituem a constituição de uma carreira estável e consolidada por uma sucessão descontínua de empreendimentos temporários” (TOMMASI; MORENO, 2020. p.204).

¹⁴O boletim #CoronaNasPeriferiasSP foi financiado pelo concurso cultural #SalveCriadores, iniciativa da Fundação Purpose. Mais informações disponíveis no site: <https://salvecriadores.com.br/>

¹⁵ Reportagem dos jornalistas Jéssica Moreira e Lucas Veloso publicada na Agência Mural de Jornalismo Periférico, disponível em: www.agenciamural.org.br/um-novo-mundo-e-possivel-morre-soro-lider-da-comunidade-quilombaue-de-perus/

O debate acerca do modo de fazer do jornalismo das periferias ganhou em 2020 a contribuição de Mara ROVIDA, que identificou entre os sujeitos de pesquisa um “diálogo social solidário”. Esse processo seria uma ampliação da solidariedade orgânica no sentido Durkheimiano (DURKHEIM, 2004) por meio da dialogia jornalística. A Rede Jornalistas das Periferias foi analisada por Mara como um espaço em que essa solidariedade orgânica se manifesta. E mais uma vez, é constatado que a preocupação com a manutenção financeira faz parte das trocas entre membros desses arranjos comunicativos: “A troca de informações sobre possíveis fontes de financiamento e decodificação das mensagens impressas nos editais públicos, cuja linguagem é por vezes um desafio a mais para esses jornalistas, são ações que permeiam o espaço” (ROVIDA, 2020. p.111).

ROVIDA identificou os seguintes marcadores da condição precária de trabalho nestes arranjos:

As condições reais de trabalho são marcadas pela precarização, pela falta de recursos, pelo voluntariado e pelo excesso de horas laborais originado pelo acúmulo de funções. Ainda que algumas saídas inteligentes tenham sido costuradas, a rotina de trabalho enfrentada por esses jornalistas é árdua e, quando remunerada, geralmente é insuficiente para suprir a vida o que mantém os comunicadores em atividades de complementação de renda ou mesmo em atividades que representam a renda principal, tornando a atuação no jornalismo das periferias um trabalho paralelo, voluntário e militante (ROVIDA, 2020.p.143).

Na live de lançamento do livro acima citado, destaco uma fala de Thiago Borges, jornalista da Periferia em Movimento, quando questionado sobre o dilema entre produzir jornalismo que não está atrelado à lógica do capital, mas ter nele sua fonte de renda:

Para se contrapor ao jornalismo que segue a lógica do capital, a gente tem batalhado para conseguir construir essa outra lógica, que é uma lógica que preza pelo cuidado. A gente chama de saberes periféricos ancestrais, são coisas que a gente aprende no nosso dia a dia nas periferias, de se reinventar, ser resiliente, sem romantizar isso, porque tem um sofrimento, tem um sofrimento que é causado pelas violações. Mas a gente continua vivo. A gente foi colocado nesse lugar aqui para morrer e a gente continua vivo, e construindo vida e buscando humanização no lugar em que a gente é sempre desumanizado. (...) O nosso trabalho é muito mais de desconstrução, de tentar criar uma outra uma outra cena, outro espaço, uma outra esfera de discussão para construir isso. Mas como que a gente se opõe a algo que é comprometido com essa lógica do capital e se mantém ao mesmo tempo, né? Porque os boletos continuam chegando. O boleto não para de chegar, tá tudo embaixo do portão, se acumulando. (Fala de Thiago Borges em vídeo transmitido em 23/06/2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/vitrinedogiba/videos/738307820268219/>)

A reunião de atores do Fórum de Comunicação e Territórios para formular políticas públicas capazes de financiar o trabalho de iniciativas de comunicação periféricas é uma das provas de que esses trabalhadores têm ciência de sua condição de precariedade. Também mostra que estes entendem como dever do Estado o fomento à comunicação. No próximo tópico, irei apresentar como esses arranjos têm ocupado um “não lugar” nas políticas sociais de fomento a iniciativas culturais.

Trabalhando com Editais públicos

Em 2010, recém formados na faculdade de jornalismo, os criadores do documentário “Grajaú na construção da Paz” e do blog Periferia em Movimento viram no Edital de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) uma possibilidade de dar continuidade ao projeto que iniciaram no Trabalho de Conclusão de Curso. Poderiam participar do Edital pessoas físicas ou jurídicas que desenvolvessem “ações culturais ligadas às diversas linguagens artísticas, consagradas ou não, relativas a artes e humanidades ou a temas relevantes para o desenvolvimento cultural e a formação para a cidadania cultural no Município” (Prefeitura de São Paulo, 2010). A palavra “comunicação” não aparecia no edital, apenas como opção de área de interesse na ficha que deveria ser preenchidas por candidaturas de pessoas jurídicas (anexo 2 do edital acima referenciado).

Tendo ciência do teor do edital, os integrantes então se reuniram para escrever um projeto cultural que estivesse ligado à linguagem da comunicação. O projeto elaborado teria o formato de rodas de conversa em equipamentos públicos convidando moradores das periferias a debater acerca dos temas tratados no documentário. Em resumo, temas sobre a mobilização popular, luta por direitos e diversidade de identidades nas periferias. O projeto “Periferia em Movimento em Debates”, do grupo que já se apresentava como “coletivo Periferia em Movimento” foi um dos contemplados nessa edição do edital promovido pela Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo). Receberam o valor bruto de R\$ 20.690,00 e teriam oito meses para execução.

Assim, surgia um modo de fazer no coletivo Periferia em Movimento com o qual o grupo trabalha até hoje: as frentes de atuação de produção de conteúdo e articulação no território. Dez anos depois, Aline relembra que a maior parte dos projetos desenvolvidos pelo coletivo realizados com fomento público tem essa mesma

característica. Mas a jornalista identifica que esse formato não foi forjado essencialmente por conta do edital, ele tem origem na proposta deles acerca da comunicação periférica, da necessidade de estar sempre por perto e em diálogo com os moradores das regiões de atuação (especialmente no Extremo Sul de São Paulo). Porém, notaram que: já que não existiam editais de fomento para atividades de comunicação, aliar a comunicação e a atuação cultural era uma fórmula possível.

Com o passar dos anos, os integrantes do Periferia em Movimento tiveram que desenvolver habilidades de gestão para possibilitar que o trabalho no coletivo fosse suas principais fontes de renda. Para isso, os aprendizados vieram de diferentes fontes: principalmente de colegas que também atuavam com cultura e comunicação periférica, com quem podiam trocar experiências. A participação em redes tinha o teor da mobilização social por direitos, mas também possibilitou esse tipo de trocas acerca da profissão. Ao mesmo tempo, o coletivo também era convidado a compartilhar suas experiências em Semanas de Jornalismo, com enfoque para o conteúdo produzido, mas também podendo compartilhar sobre os desafios da profissão.

Nos mais de 10 anos de trajetória do grupo, é destacado também o contato com instituições que tratam sobre gestão de negócios. Primeiramente em 2013, na participação da mentoria promovida pelo Hub Fellowship¹⁶ e depois em 2019, na Aceleração de Negócios de Impacto Social. Ambas as oportunidades foram possibilitadas após passarem por processos seletivos e trouxeram avanços estruturais em seus “modos de fazer”. Na primeira, estruturaram um modelo de pagamento composto por um banco de horas e na segunda, puderam reestruturar a equipe e melhorar a imagem externa do grupo.

Os principais editais de fomento de que participaram nos primeiros anos foram: Valorização de Iniciativas Culturais, Redes e Ruas, Agentes Comunitários de Cultura e Agentes de Governo Aberto, os três possibilitados em uma gestão da Prefeitura de São Paulo que visava fomentar iniciativas culturais e inovadoras, bem como fortalecer a agenda da participação social na política. Os livros que registram essas iniciativas adotam o tom positivo quanto à diversidade dos projetos desenvolvidos em todas as regiões da cidade. Porém, pouco citam a situação na perspectiva de quem participava. O antes é marcado pela escrita dos projetos e a competição com pares; o durante é

¹⁶ O fellowship foi um programa de mentoria que teria como temática “criatividade e empreendedorismo jovem”, a ser realizada de 2012 a 2013 em São Paulo.

mercado por necessidades de gestão e prestação de contas, pelo equilíbrio entre as rotinas de trabalho formal e os projetos a serem desenvolvidos; no depois, temos os aprendizados deste processo, porém mais marcante é a insegurança quanto aos próximos passos. Principalmente quando o edital limita a participação dos coletivos a apenas uma ou duas edições.

Uma saída encontrada por coletivos de comunicação para trazer frutos mais duradouros dos editais é a aquisição de equipamentos duradouros. A primeira câmera da Periferia em Movimento, por exemplo, foi providenciada com uma remuneração do VAI. Antes, todos os equipamentos eram particulares, de membros. A criação da modalidade VAI 2 contemplou com maiores possibilidades a temática “comunicação”¹⁷.

No edital Redes e Ruas e no VAI 2, foram contemplados com projetos que continham atividades formativas de comunicação. As duas edições do curso Repórter na Quebrada são exemplo de atividades que podem ser analisadas como formatos da educomunicação (SOARES, 2009). Assim como o Periferia em Movimento, o coletivo Desenrola e Não Me Enrola desenvolveu atividades educucomunicativas nas periferias de São Paulo e pode financiá-las em algumas oportunidades por meio de editais. Todos estes relacionados à temática da cultura.

Durante a live que reuniu comunicadores periféricos da cidade de São Paulo em outubro de 2020, houve manifestações a respeito da ausência de editais de fomento à comunicação. Um dos participantes, inclusive, lembrou que a cidade instituiu em 2004 a Lei Educom (nº 13.941) com o compromisso de fomentar atividades educucomunicativas, que valorizam a participação da comunidade nas decisões da escola. Porém, a crítica do participante foi de que essa lei poderia ser utilizada para promover fomento à comunicação periférica.

Em entrevista com integrantes do Periferia em Movimento, lembraram que nessa década de caminhada aprenderam a planejar um orçamento para evitar um erro comum: propor a realização de atividades que levam muito mais tempo e custos do que o orçamento é capaz de sustentar. Como resultado, não foram poucas as vezes em que trabalharam mais do que o previsto em prol de finalizar uma “entrega”. Por fim, para ilustrar o financiamento por meio de editais, registro um relato que recolhi acerca do processo de escrita do projeto mais recente que elaboraram para um Edital

¹⁷ Como um dos caminhamentos da pesquisa, pretendo analisar quais as temáticas possibilitadas nos editais e quais projetos de comunicação periférica foram desenvolvidos nessas oportunidades.

Primeiro, a gente levou pra reunião semanal pra definir o projeto em específico, dividir em tarefas. E aí definimos os três que colocariam a mão na massa pra escrever. Eu e Thiago criamos o projeto juntos, o Wilson correu atrás da documentação com as outras pessoas da ficha técnica, levantamento de carta de anuência, de indicação. Eu, Wilson e Thiago fizemos a revisão da proposta, o Thiago fez um layout.

(Perguntei se a escrita junto é um documento compartilhado ao mesmo tempo ou cada um vai escrevendo no momento)

A gente fez uma reunião, primeiro os três, pra definir isso. Colamos no word os tópicos que a gente precisava preencher do projeto. No dia seguinte eu e Thiago nos falamos, conectando os tópicos “isso é o que, como que a gente encaixa isso naquilo pra criar a narrativa, o passo a passo fazendo sentido” a gente foi checando e já escrevendo no arquivo. E aí depois, a gente dividiu. Thiago trabalhou no texto do histórico atualizando as ações. Eu fiquei com o objetivo geral e específico e com o detalhamento das atividades, foi meio que em reunião, meio que em equipe, escreve junto...e aí a gente deu uma respirada quando adiou né. A gente já tava com tudo escrito, revisando. A gente mandou até pra Thais do Desenrola, que ofereceu ajuda. Eles já ganharam dois editais. Daí ela mandou algumas perguntas, nisso já tava na mão do Thiago pra fechar os ajustes que a gente leu e identificou. Como ele tava com o layout lá na mão, a gente já centralizou nele pra finalizar. Então, fui indicando pra ele o que a Thais fez. (perguntei se ela tem ideia de quantas horas levaram nesse processo) acho que pelo menos em dois dias inteiros a gente sentou pra escrever, mas teve esse acionamento de pessoas pra carta de apoio, entrega da documentação, que wilson tocou principalmente. Se bobiar, se for juntar tudo, vai aí uma semana. (entrevista com Aline Rodrigues, 2020)

Todo esse esforço foi feito diferentes formas a todos os coletivos que se reuniram para inscrever projetos na Lei de Fomento à Cultura das Periferias em 2020. Desde que realizam a inscrição até terem a notícia da classificação, o coletivo precisa se planejar para firmar outras parcerias que não comprometam todo o horário de trabalho, afinal, se passarem no fomento, esses trabalhos irão se acumular. Ao mesmo tempo, não podem ficar à espera de respostas, já que, como disse Thiago, os boletos continuam chegando. As preocupações que estão a nível coletivo também influenciam as individualidades, como pode ser observado no relato abaixo.

Eu moro ainda com meus pais, como você pensa em sei lá, alugar uma casa? Morar sozinha? Ou comprar a minha casa? Como é que eu penso numa independência financeira? Como é que eu planejo viagem, sabe você conseguir construir coisas a médio e longo prazo? Você não consegue ter esse pensamento. A nossa linha de tempo é o hoje, hoje, semana que vem, mês que vem, o que está dentro desse cenário. Aí a gente foi contemplado novamente com o fomento agora para 2020, 2021, mas assim. (entrevista com Flávia Lopes, do Desenrola e Não me Enrola realizada em 2019)

Parcerias e alternativas para manter o trabalho de comunicação periférica

Ao investigar a rotina de jornalistas da Agência Mural de Jornalismo Periférico, do Alma Preta, do Periferia em Movimento e do Nós Mulheres das Periferias, ROVIDA (2020) apresentou uma forma de financiamento que tem sido utilizada por

estes arranjos: a parceria com instituições. São documentados projetos com a Open Society, Ford Foundation e Rede Nossa São Paulo. Também, parcerias com meios de comunicação corporativos, como os grupos Folha, Bandeirantes e Yahoo.

Existem diversas críticas que aqui não serão elaboradas, mas sim em outras etapas da pesquisa, sobre as quais discorro a seguir: Porque fundações destinam seus investimentos a projetos de comunicação periférica? Como é feita a escolha destes projetos? Como se dão as relações de trabalho nessas situações?

Por enquanto, posso adiantar que esse é um ambiente de conflitos e desconfiança, mas também de oportunidades e incentivo. Uma das entrevistadas me relatou que existe um filtro que identifica qual é o tipo de fundação aceitável para compartilhar um trabalho, porém, que essa escolha se trata de uma linha tênue.

Tem chegado mais empresas, fundações, institutos mais próximos de coletivos. Isso de uns anos para cá tem ficado muito forte. E eles, às vezes, conseguem abarcar coisas que os editais não abarcam, então... principalmente a produção jornalística, consegue ter essa entrada. Então tem esses dois lados, da gente ficar sempre de olho, atento no que eles querem, mas também de aproveitar essa oportunidade porque a gente precisa bancar um custo que o outro não banca (entrevista com Flávia Lopes, do Desenrola e Não me Enrola realizada em 2019)

A falta de formalidade nestes trabalhos a curto prazo com instituições também é questionada. Flávia comentou que muitas vezes, os acordos compreendem apenas a entrega de produtos. Sem definição em relação aos horários de trabalho, às condições de transporte e alimentação, abre-se a margem para uma relação de poder conturbada com fundações de fomento que contratam serviços de comunicadores periféricos

Teve uma vez que a gente foi se inscrever no edital e aí a pessoa lá da instituição falou que “os coletivos inflam os orçamentos, eles colocam coisas muito a mais nos orçamentos, o projeto não precisa de tudo isso para acontecer”. Ai eu fiquei de cara com isso, porque é um olhar de que a gente quer tirar vantagem ou de que, na verdade, por exemplo, quando a gente coloca determinadas coisas é porque essas coisas estão bancando coisas de outros lugares. (...) E sabe uma coisa que é muito foda? O trampo que eles dão, que eles querem de volta, no sentido de que eles acham que a gente é funcionário. Então a pessoa te liga oito horas da noite, sabe?

Também em relação à desconfiança quanto ao valor pago por fundações, existem críticas de que o mesmo trabalho realizado por comunicadores de coletivos periféricos contratados custariam mais se fossem realizados por funcionários das instituições. Além disso, assinar o projeto como uma parceria com jornalistas do próprio território pode garantir uma maior legitimidade da ação. Portanto, trata-se de uma rede de relações de poder que vai muito além de realizar sua pauta jornalística.

Por todos os conflitos envolvidos nessas relações de trabalho, o que a investigação tem me mostrado é que o fato de estarem em rede, como no exemplo da Rede Jornalistas das Periferias, é construir relações de confiança. A exemplo do projeto #coronanasperiferiasSP, escrito em coletivo, que conquistou o fomento do concurso cultural #SalveCriadores promovido pela Fundação Purpose. Em conjunto, membros da Rede criaram um formato possível que financiou atividades de alguns coletivos neste momento de urgência.

Considerações finais

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado que nasceu de inquietações da autora enquanto trabalhava junto a coletivos de comunicação periféricos. São muitos os nós górdios (LATOURE, 1994) observados durante a pesquisa, e muitos deles estão relacionados à instabilidade do financiamento de suas atividades. O campo de pesquisa sobre o trabalho do jornalista é fundamental por promover percepções acerca das condições de trabalho que trazem reflexos aos conteúdos produzidos. Os levantamentos feitos de dentro para dentro nos mostram que os sujeitos estão não só preocupados com a questão, mas procurando entender seu contexto e elaborar novas possibilidades.

Entre as características que são observadas no modo de trabalho encontrado pelos coletivos está a flexibilização das rotinas. Essa é uma das transformações no mundo do trabalho apontadas por teóricos do novo capitalismo, como BOLTANSKI e CHIAPELLO (2009), SENNET(2004) e ROSE (2011). É preciso se adaptar às demandas, sejam elas editais públicos ou privados, é também necessário inovar. O mesmo projeto não pode ser repetido, ele deve ganhar novos formatos, novas ideias. Outra preocupação que também se percebe nos coletivos é a imagem externa. Não é só ao público que essa imagem está projetada, mas também aos possíveis financiadores, sejam eles do setor público ou privado.

Outra forma de sustento que aqui não pude elaborar é o financiamento coletivo, que melhor permite o financiamento de iniciativas jornalísticas permanentes. O Alma Preta tem uma campanha¹⁸ recorrente no site Catarse e arrecada o equivalente a 11 mil reais por mês. A Periferia em Movimento arrecada¹⁹ pouco mais de mil reais por mês com suas assinaturas também no Catarse. O objetivo da Periferia em Movimento, que

¹⁸ Disponível em: https://www.catarse.me/financie_alma_preta

¹⁹ Disponível em: <https://www.catarse.me/PEM>

hoje se apresenta como Produtora de Jornalismo de Quebrada é arrecadar 2500 reais por mês no catarse: “Com essa grana, não corremos risco de despejo. Pagamos aluguel, água, luz e internet, além de ajuda para alimentação e transporte. E nosso portal fica no ar com conteúdos semanais ;-))”, avisam no site.

Segundo o relato de integrantes do Periferia em Movimento e do Alma Preta, para que suas campanhas online de financiamento coletivo surtisses efeito, foi essencial um investimento em estratégias de marketing. A contratação de profissionais de áreas variadas para gerir essas iniciativas é um dos aprendizados de anos de trabalho desses arranjos que desejam se estruturar com o objetivo de ser o trabalho principal de seus membros. “Assim, jornalistas trabalham com as notícias e publicitários elaboram o marketing, contadores fazem a contabilidade”, contou o jornalista Pedro Borges em sua participação na reunião do grupo de pesquisa sobre Cultura e Trabalho da UFABC, do qual faço parte.

Nas próximas etapas da pesquisa, continuarei a relacionar as críticas do trabalho no novo capitalismo com as rotinas de trabalho observadas. Busco somar às elaborações que têm sido feitas pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho no esforço de conhecer os métodos que têm sido desenvolvidos e quais as relações estabelecidas entre o formato de trabalho e os conteúdos publicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neo-liberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, Pierre; **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOLTANSKI L., CHIAPELLO E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

D'ANDREA, Tiarajú P. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FIGARO, Roseli (coord). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias**. Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. São Paulo, 2018.

_____.;Relatório dos resultados da pesquisa [recurso eletrônico] : **como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?**.São Paulo: ECA-USP, 2020. 86 p.

INFO TERRITÓRIO (Fórum Comunicação e Territórios). **Mapa do Jornalismo Periférico**. São Paulo, 2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo, Página Aberta. 1991.

LATOURET, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2013. 208 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

PERUZZO, Cicília M. K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Lumina: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, jun. 2007.

ROSE, Nikolas. (2011), **Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade**. Petropolis: Vozes.

SCOZ, Louise. **O Poder Dos Sonhos: Uma Etnografia De Empresas Startup No Brasil E No Reino Unido**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFRS. Porto Alegre. 2018

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TOMMASI, L; MORENO, G. **Empreendedor E Precário: a carreira “correria” dos trabalhadores da cultura entre sonhos, precariedades e resistências**. POLÍTICA & TRABALHO. Revista de Ciências Sociais, nº 52, Janeiro/Junho de 2020, p. 196-211

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação - uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Appris, 2017

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias: o diálogo social solidário nas bordas urbanas**. Editora CRV. Curitiba, Brasil. 2020. 178p.

SOARES, Ismar. **Caminos de la educomunicación: utopías, confrontaciones, reconocimientos**. Revista Nômadas, U Central Bolivia, N. 30, Abril de 2009.

SOUZA, Juliana S. **Jornalismo de Quebrada e as Representações das Periferias Paulistanas**. Monografia (graduação). Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). São Paulo, SP, 2015, 167f.